

Americanismo e Educação: debates, política e cultura na Primeira República

JACKSON LUIZ DE OLIVEIRA PIRES*

O presente texto é resultado do estudo que venho desenvolvendo no Mestrado do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. O foco da nossa atenção é a análise da construção do projeto pedagógico do Colégio Americano Granbery com ênfase, sobretudo, na intenção dos missionários metodistas fundadores da instituição em criar uma universidade em Juiz de Fora, Minas Gerais. Em questão, estão as matrizes religiosas da instituição no contexto da expansão missionária norte-americana. O projeto dessa instituição esteve em sintonia com os modelos de instituições de ensino então vigente nos Estados Unidos.

Em destaque estão os diferentes americanismos existentes naquele momento, aqui entendidos como as possíveis respostas para a questão: o que é ser norte-americano? Não esperamos, contudo, encontrar uma única resposta para essa indagação, visto que as identidades coletivas são mutáveis e estão em constantes conflitos. Consideramos o americanismo tanto como uma auto-imagem reivindicada por segmentos políticos antagônicos no interior dos Estados Unidos quanto como uma imagem atribuída aos Estados Unidos seja por entusiastas ou críticos àquela nação. Exemplo dessa segunda possibilidade são as disputas intelectuais e políticas ocorridas do Brasil, no final do século XIX e início do século XX, na busca pelo modelo considerado mais adequado de modernização.

Tendo em mente esses debates, procuramos discutir, a partir da análise das características do modelo pedagógico granberyense, as relações entre a opção por um tipo específico de americanismo – aquele representado pelos educadores metodistas ligados ao Granbery – para o desenvolvimento nacional e a educação brasileira ao longo da Primeira República. Para isso, inicialmente, apresento as discussões que envolveram o ideário missionário dos norte-americanos frente aos diferentes americanismos; posteriormente abordaremos a chegada dos missionários metodistas ao Brasil; e, por fim, analisaremos a construção do projeto educacional granberyense bem como sua associação a um tipo de americanismo no Brasil.

* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

Os Empreendimentos Missionários no Contexto Político Norte-Americano

Inicialmente abordaremos o contexto interno aos Estados Unidos no período entre a Guerra Civil (1861-1865) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Período em que ocorreu o grande momento de extroversão daquele país, incluindo empreendimentos missionários protestantes. Segundo Cecília Azevedo, nesse momento

(...) passou a prevalecer nos EUA a ideia de que sua condição excepcional como nação deveria justificar não seu isolamento em relação ao mundo, mas uma atitude inversa, de intervenção ativa. Os EUA teriam, pois, que assumir sua missão de redimir e civilizar as regiões e os povos do mundo, desprovidos das qualidades sacras outorgadas pela Providência aos norte-americanos (AZEVEDO: 2001, p. 116).

Aos norte-americanos eram atribuídas, nesse momento, características como energia, perseverança, agressividade, inventividade, todas elas voltadas para a ação colonizadora e expansionista (BURNS: 1957, p. 39). E ainda, essas características comporiam uma identidade americana compartilhada por muitos,¹ mas criticadas por outros tantos como teremos a oportunidade de ver. É nesse contexto que o movimento missionário ganhou um novo e decisivo impulso.

Considerado o precursor do movimento missionário de fins do século XIX, Dwight L. Moody (1837-1899) idealizou o *Student Volunteer Movement* após ter pregado em várias universidades. Seu objetivo era conquistar os jovens para causa evangelizadora. Moody exerceu uma grande influência e conseguiu angariar um grande número de adeptos (MARSDEN: 1990, p. 116).

Dentre os mais destacados entusiastas desse movimento, encontram-se Josiah Strong (1847-1916). Ele acreditava que a sociedade norte-americana, especialmente os protestantes de origem anglo-saxônica, eram superiores. E acreditava também no

¹ São exemplos de representantes desse ideário: Senador Benton, Josiah Strong, Albert J. Beveridge, John W. Burgess, e William Allen White. Para mais informações a esse respeito ver BURNS, Edward McNall. *The American Idea of Mission: concepts of national purpose and destiny*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1957.

suposto dever destes em promover a evolução dos povos inferiores do mundo por meio da conversão ao protestantismo.

Em seu livro *Our Country: Its Possible Future and Its Present Crisis*, de 1885, Strong defendeu que os anglo-saxões seriam uma raça poderosa, detentora de uma energia incomparável, cujo destino apontaria para o controle dos povos dos mais diferentes lugares do planeta. Nas suas próprias palavras:

(...) The time is coming when the pressure of population on the means of subsistence will be felt here as it is now felt in Europe and Asia. Then will the world enter upon a new stage of its history-the final competition of races, for which the Anglo-Saxon is being schooled. Long before the thousand millions are here, the mighty centrifugal tendency, inherent in this stock and strengthened in the United States, will assert itself. Then this race of unequaled energy, with all the majesty of numbers and the might of wealth behind it-the representative, let us hope, of the largest liberty, the purest Christianity, the highest civilization-having developed peculiarly aggressive traits calculated to impress its institutions upon mankind, will spread itself over the earth. If I read not amiss, this powerful race will move down upon Mexico, down upon Central and South America, out upon the islands of the sea, over upon Africa and beyond (STRONG: 1885).

Segundo seu ponto de vista, não haveria nada o que pudesse evitar que uma raça inferior fosse assimilada por outra culturalmente superior.

A partir desse ponto, fica clara a filiação de Strong ao Darwinismo Social. De acordo com essa teoria, as diferentes “raças” sempre foram engajadas em uma luta pela superioridade e pela dominação (MARSDEN: 1990, p. 117). Nesse sentido, essa “luta eterna” é o que levaria ao aprimoramento das próprias “raças”. Strong considerava que as civilizações traziam consigo elementos construtivos e destrutivos. Sem a presença dos “selvagens”, os anglo-saxões decairiam, ou dito de outra forma, era exatamente a existência de populações a serem educadas que movia o ímpeto de povos como o seu.

Segundo o autor de *Our Country*, “Where there is one missionary, there are hundreds of miners or traders or adventurers ready to debauch the native” (STRONG: 1885).

Essa perspectiva constituiu uma forma de americanismo ortodoxo cujo principal traço é ressaltar as características da cultura anglo-saxã e protestante como as bases constituintes da identidade nacional dos Estados Unidos. Entre as contribuições dos anglo-saxões estariam, por exemplo, o amor à liberdade e um cristianismo espiritualmente puro (MARSDEN: 1990, p. 116) na constituição de uma nação diferenciada.

Contudo, esse discurso não era absoluto, mesmo que muito forte. No período em questão, emergiram muitas vozes contrárias a esse americanismo ortodoxo. Nessa perspectiva, surgiu um americanismo representante de uma tradição dissidente em relação ao americanismo hegemônico. Segundo Cecília Azevedo, os Estados Unidos experimentaram, na virada do século XIX para o XX, mudanças consideráveis em muitos aspectos de sua vida social e econômica³ que levaram a uma crise que afetou as “referências morais” e a própria “imagem que os norte-americanos nutriam de si mesmos” (AZEVEDO: 2003, p. 26). No limite, ocorreu no meio intelectual um processo de reformulação de identidades.

Junto a essa reformulação temos a afirmação de novas definições para o que é ser norte-americano, cujas características iam muito além da cultura “anglo-americana” – cujas características fundamentais seriam a língua inglesa e o modo de vida dos cidadãos dos Estados Unidos. Tais perspectivas dissidentes relacionavam-se, ao contrário, à afirmação de que os Estados Unidos equivaliam a uma sociedade plural do ponto de vista cultural. Foram vários os intelectuais⁴ que, segundo Jonathan Hansen, entendiam que “*The nation’s urgent challenge, as they say it, was to articulate an ideal of American national identity capable of balancing the principles of individuality and cultural inclusiveness with a sense of civic solidarity*” (HANSEN: 2006, p. 74).

Tomemos como exemplo desse movimento o intelectual Randolph Bourne (1886-1918). Bourne foi um crítico da “americanização” – defendida por uma vertente

³ É notória a aceleração da industrialização e a urbanização dos Estados Unidos, bem como a imigração nesse período.

⁴ A chamada *Progressive Era*, muito plural em sua composição, contou com intelectuais dessa corrente pluralista como Louis D. Brandeis (1856-1941), John Dewey (1859-1952), Willian E. B. Du Bois (1868-1963), Horace Meyer Kallen (1882-1974), e Randolph S. Bourne (1886-1918).

do americanismo hegemônico – dos estrangeiros que chegassem aos Estados Unidos. Foi também um opositor de políticas que visavam à imposição de uma determinada cultura sobre povos minoritários. Sua defesa era pela formação de uma solidariedade nacional baseada no intercâmbio cultural. Este, por sua vez, seria uma forma de promover a integração social nos Estados Unidos. No limite, o que estava em jogo era a constituição da identidade norte-americana.

No ensaio *Trans-national America* (1916) Bourne apresentou sua visão dos Estados Unidos. Seu posicionamento reflete claramente o lugar social em que foi construído: uma Nova York cosmopolita que viera a se tornar o grande símbolo de resistência ao chamado provincianismo anglo-saxão (BENDER: 1993, p. 57). Este provincianismo representava a intolerância com tudo aquilo que era considerado com não pertencente aos valores norte-americanos.

Em linhas gerais, o contexto político e ideológico norte-americano apresentava grandes tensões oriundas de visões de mundo diametralmente opostas. O movimento de extroversão missionária protestante por sua vez, encontrou críticos e entusiastas. O americanismo ortodoxo foi um dos principais impulsores do missionarismo naquele momento, ao mesmo tempo em que justificou uma posição intervencionista da política externa norte-americana. Em linhas gerais, é nesse contexto que a missão metodista veio ao Brasil.

O Missionarismo Metodista e Sua Introdução no Brasil

Criado no Século XVIII por John Wesley (1703-1791) na Inglaterra, o Metodismo, na sua origem, se constituiu como um “movimento reformador e educativo que teve como objetivo transmitir uma nova visão de mundo e formar um novo senso comum” (MESQUIDA: 1994, p. 96). Dentre suas principais características destaca-se o ativismo, uma influência do arminianismo, bem como o individualismo no cultivo da vida religiosa, herança essa do pietismo, e ainda as moralidade e disciplina puritanas.

No Concílio de 1744 os fundamentos do metodismo foram definidos. São eles:

A graça universal de Deus, que assinala ser a salvação oferecida a todas as pessoas; a justificação pela fé e, em consequência, as *boas obras*; a

santificação, que leva o crente a progredir pela *fé* e as *obras* em direção à perfeição cristã, além da liberdade humana de aceitar ou recusar a graça de Deus (CORDEIRO: 2003, p. 24). [grifos meus]

A prática metodista demonstrava fundamentalmente uma grande preocupação com a evangelização e a pastoral, e não apenas com o culto. As obras, decorrentes do ativismo, tinham como finalidade a salvação das almas perdidas por meio da conversão. E ainda, seus membros defendiam que além de abster-se do mal, era necessário comprometer-se com o bem de forma ativa, fundamentalmente.

A introdução do metodismo na América do Norte ocorreu na década de 1760.⁵ Sua prática guarda algumas peculiaridades com relação à prática inglesa. Na Inglaterra o metodismo não havia constituído uma Igreja e dependia do clero anglicano. Na América a liturgia⁶ permaneceu a mesma, o que mudou fundamentalmente foi a sua organização na forma de Igreja e a sua política eclesiástica, com ministério itinerante e laico, pregações ao ar livre, ênfase na experiência pessoal de fé, a noção de santificação e o alto padrão moral (CORDEIRO: 2003, p. 28).

O metodismo nos Estados Unidos veio a se tornar a denominação protestante mais proeminente no pós Guerra Civil e especialmente no momento de extroversão missionária. Perri Mesquida considera que

os metodistas viam sua denominação como a principal Igreja do país com a dupla missão de “promover o bem-estar moral da nação [norte-americana]” e de difundir os princípios da Escritura, únicos capazes de “produzir o modelo mais elevado de civilização cristã”. (MESQUIDA: 1994, p. 102)

No mesmo contexto, os metodistas se auto-atribuíram a tarefa de levar esse modelo para as demais nações do mundo dado que

⁵ Os primeiros metodistas chegaram à América entre 1760 e 1766. Eles eram de origem irlandesa e haviam sido convertidos pela pregação de Wesley. Ver mais em MESQUIDA, Perri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1994.

⁶ Composta pela declaração de fé, o Livro de oração Comum, os Vinte e Cinco Artigos de Religião.

as nações mais evoluídas tinham o dever de “civilizar” os povos atrasados do mundo, seja pela conversão dos pagãos, seja pela “recuperação” dos católicos ao “verdadeiro cristianismo”, isto é, ao cristianismo protestante. Cristianizar as nações queria dizer “civilizá-las” de acordo com o modelo ideal: os Estados Unidos da América. (MESQUIDA: 1994, p. 105)

É com esses termos que verificamos a relação da prática religiosa metodista e o seu movimento missionário de fins do século XIX.

Passaremos agora as considerações sobre a vinda das missões metodistas ao Brasil. A primeira experiência missionária de metodistas norte-americanos em nosso país ocorreu entre 1835 e 1840. Essa investida foi feita pela Methodist Episcopal Church⁷ e seu principal objetivo era a evangelização dos brasileiros. Devido à falta de recursos e de pessoal, a experiência teve de ser abandonada cinco anos após o seu início (CARVALHO: 2000, p. 17). Contudo, no final do século XIX, como vimos, o movimento missionário e evangelizador dos Estados Unidos ganhou um imenso impulso. Nesse contexto de extroversão, presbiterianos, batistas e metodistas, entre outros protestantes de origem norte-americana, partiram em direção a várias regiões da América do Sul, África e Ásia. O Brasil, em 1876, recebeu mais uma vez uma missão dos metodistas.

Segundo nos informa Maria Ligia Rosa Carvalho, foram várias as estratégias utilizadas pelos metodistas no Brasil voltadas para a ação evangelizadora. Dentre elas destacam-se a fundação de congregações, tanto no interior quanto nas capitais dos estados, a criação de uma imprensa metodista para a divulgação de literatura religiosa, a montagem de uma rede de pregadores itinerantes, a fundação de seminários e o estabelecimento de uma verdadeira rede de ensino metodista.⁸ É importante destacar

⁷ Em 1844 viveu seu cisma, dando origem a duas Igrejas, a *Methodist Episcopal Church* e a *Methodist Episcopal Church, South*.

⁸ Entre 1870 e 1930 a Missão Metodista fundou aos seguintes colégios no Brasil: *Colégio União Uruguaiana* em Uruguaiana, Rio Grande do Sul (1870); *Colégio Piracicabano em Piracicaba*, São Paulo (1881); *Colégio Americano* de Porto Alegre no Rio Grande do Sul (1885); *Colégio Americano Granbery* em Juiz de Fora, Minas Gerais (1889); *Colégio Americano de Petrópolis* (1895) que em 1920 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde recebeu o nome de *Colégio Bennett*; *Colégio Metodista de Ribeirão Preto* em São Paulo (1889); *Colégio Izabela Hendrix* em Belo Horizonte, Minas Gerais (1904); *Colégio Noroeste Birigüí* em Birigüí, São Paulo (1918); *Porto Alegre College* em Porto

que as instituições de ensino metodistas não faziam distinção de credo e aceitavam membros de outras religiões.

A educação era considerada uma forma privilegiada de promover mudanças no modo de vida por várias denominações e inclusive a metodista. Para compreender melhor algumas características do processo de penetração na sociedade brasileira da missão metodista, analisaremos a construção do projeto educacional do Colégio Americano Granbery, entre os anos 1889 e 1930.

A Educação no Granbery

Fundado em 1889 por missionários da *Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos* na cidade mineira de Juiz de Fora, o Colégio Americano Granbery representou uma nova proposta pedagógica no contexto educacional brasileiro. À frente da fundação estiveram os missionários norte-americanos John William Tarboux, J. C. Wolling e o bispo John Cowper Granbery. Inicialmente a instituição recebeu o nome de *Juiz de Fora High School and Seminary* e, em 1890, passou a se chamar Colégio Americano Granbery em homenagem ao bispo que esteve à frente de sua fundação. Hoje é um instituto metodista que ministra desde a educação básica até alguns cursos superiores.

O momento da criação do Granbery foi um período de grande euforia intelectual e política e isso se deveu às importantes mudanças que o país experimentava. O Brasil, de um modo muito peculiar, vivera um período de modernização. No mundo das ideias, no encontro com o universo político ocorreram os principais debates em relação aos modelos para o ensino superior brasileiro. Alguns se referem a este período como o nosso momento ilustrado, cuja principal característica seria a crença absoluta no poder das ideias e a certeza de que a educação intelectual melhoraria o homem brasileiro e, por sua vez, transformaria a Nação (BARROS: 1986, p. 8). Decerto, trata-se de uma supervalorização do processo educativo que, ao fim e ao cabo, trouxe à cena pública os debates sobre o rumo pelo qual o ensino deveria seguir e, no limite, precipitou as discussões sobre a implantação de universidades.

Alegre, Rio Grande do Sul (1919); *Instituto Ginásial de Passo Fundo* em Passo Fundo, Rio Grande do Sul (1920); *Colégio Centenário* em Santa Maria, Rio Grande do Sul (1922).

A cidade de Juiz de Fora foi considerada um importante centro, não só da Província de Minas, mas de toda a Região Sudeste. Isso se deveu a sua posição estratégica no caminho do escoamento da produção agrícola, sobretudo cafeeira. Outro ponto importante é a interessante produção industrial da cidade no setor têxtil. (NOVAES NETTO: 1997, p. 35-37)

A cidade se modernizava e adquiria novos serviços urbanos como, por exemplo, linhas de bonde, telefone, e, a partir de 1889, iluminação pública elétrica. Ela contava ainda no período com telegrafo e imprensa. Certamente essas características foram fundamentais para a escolha dos missionários metodistas pela cidade. Da mesma forma, a modernização também contribuiu para a aceitação do projeto pedagógico do Granbery por uma parcela da população local, que matriculou seus filhos no colégio, ou mesmo por aqueles que vieram a se tornar membros do corpo docente.

O americanismo surgiu nesse contexto, junto às elites liberais nacionais e locais, como um modelo de modernização. Enquanto uns ainda defendiam a civilização nos moldes do velho mundo, outros queriam para o país a modernidade seguindo o modelo representado pelos Estados Unidos. Esta última perspectiva estava se tornando uma tendência destacada. Sobre essa questão Miriam Warde afirma que "os Estados Unidos vão se afigurando nos ensaios utópicos das elites intelectuais e no imaginário social como a terra prometida, sem as mazelas da Europa envelhecida e conflituosa" (WARDE: 2000, p. 37-43).

Nesse sentido, para a recente república recomendava-se adotar como paradigma o modelo de democracia desenvolvido pelos Estados Unidos em detrimento dos modelos ibéricos e franceses. O mais importante, porém, não era apenas copiar as instituições, era necessário ir além e mais profundo para poder superar as marcas do passado em favor do modo de vida norte-americano.

O conceito americanismo aparece nesse contexto como uma referência às manifestações culturais derivadas das tradições anglo-saxônicas que supostamente compõem o "caráter" norte-americano.

Passaremos agora à análise do projeto educacional, resultado da constituição do então Colégio Americano Granbery desde a sua fundação em 1889 até o início da década de 1930. Considero relevante ressaltar, inicialmente, a forma pela qual os representantes do Colégio criaram uma identidade por meio dos seus programas e

regulamentos. Nos livretos impressos e distribuídos todos os anos aos alunos e seus familiares, a direção se esforçava por imprimir um forte discurso ético e moral. Isso fica claro, por exemplo, no Regulamento de 1896-1897, quando encontramos a afirmação de que um homem educado no Granbery deveria ser aquele cujo corpo estaria sujeito à inteligência, que teria a capacidade de compreender as grandes verdades essenciais e cujo espírito seria cheio de *amor* e de *vida*, que se aborreceria com tudo que fosse falso e amaria tudo que fosse *puro e belo*.⁹

Os elementos que compuseram o discurso ideológico da instituição apontam para um apelo espiritual, como, por exemplo, a valorização da verdade cristã e do evangelho. Essa pertença ao universo cristão é clara quando da publicação do Estatuto do Granbery em 1930. Nele, o caráter do Colégio é apresentado como uma forma de:

(...) manter em todo o seu ambiente colegial um espírito cristão, uma filosofia de vida que seja confirmada nos ensinamentos de Jesus, o Grande Mestre, que veio para que os homens pudessem ter vida mais abundante.

(...)

O colégio cristão aceita o ideal de Jesus e o seu padrão quanto à conduta do indivíduo e o bem estar social. Isto quer dizer por em obra a lei do Amor, apreciar o bom êxito da vida em termos de serviço, lutar contra as forças do mal, e viver vida honesta e eficiente.

(...)

⁹ “O homem educado é aquele cujo corpo está sujeito à inteligência, cuja inteligência tem compreendido as grandes verdades essenciais, cujo espírito é cheio de amor e vida; cujas paixões estão sujeitas à consciência, e que aprendem a amar tudo quanto é verdadeiro, puro e belo, e aborrecer tudo quanto é falso, torpe e vil.” (*Regulamento do Colégio Americano Granbery*, 1896-97, p. 7 e 8). Essa passagem, em repetidas ocasiões, foi usada nos Regulamentos distribuídos aos alunos do Colégio Americano Granbery, nos últimos anos do século XIX e início do século XX. A autoria dessas palavras é de John Farrar (1802-1884), reverendo metodista autor de diversos estudos teológicos. Dentre suas principais obras destacam-se: *The Proper Names of the Bible, their Orthography, Pronunciation, and Signification* (1839), *A Biblical and Theological Dictionary, illustrative of the Old and New Testament* (1851), *An Ecclesiastical Dictionary, explanatory of the History, Antiquities, Heresies, Sects, and Religious Denominations of the Christian Church*. (1853), *A Manual of Biblical Geography, Descriptive, Physical, and Historical* (1857), e *A Key to the Pronunciation of the Names of Persons and Places mentioned in the Bible* (1857)

O colégio cristão procura saber a verdade e é leal para com a verdade em todos os lugares em todos os tempos. (ESTATUTO d'O Granbery, "Que é um Colégio Cristão?", 40º ano, 1930 p. 10 e 11)

Nessa passagem é notória a valorização da ação como forma de expressar a fé. "Por em obra a lei do Amor" e a luta "contra as forças do mal" são obrigações consideradas fundamentais para àqueles que compartilham do ideal do Granbery. Outra noção importante é a conduta do indivíduo frente à sociedade. A cada membro da instituição é atribuída uma responsabilidade para com todo o conjunto social no qual ele se insere. Seria, então, por meio das suas ações cotidianas que ele deveria demonstrar ser um seguidor dos ensinamentos cristãos e, por extensão, um bom membro para a comunidade.

No início do século passado, mas especificamente em 1904, essa ideia aparecia no Regulamento do Ginásio junto à disposição de educar para que os alunos do Granbery pudessem "colaborar lealmente com as autoridades do país para colocar homens bem preparados nos corpos, inteligência e espírito a servirem a sua pátria com proveito e dignidade" (REGULAMENTO do Ginásio do Granbery, 14º e 15º Ano, 1904, p. 9).

O Código Moral da instituição aparece sistematizado a partir de 1928 nos Prospectos e Regulamentos do Granbery, mas o que tudo indica é que foi elaborado ao longo das décadas de 1910 e 1920. Nele há elementos da identidade granberyense. Segundo a introdução desse código moral, sua elaboração foi resultado de um concurso plebiscitário e ele traz consigo os princípios éticos que o Granbery aprovava e procurava ensinar.

O referido Código era composto de nove binômios. São eles:

Coragem e Esperança;
Operosidade e Educação;
Conhecimento e Utilidade;
Verdade e Sinceridade;
Saúde e Pureza;
Serviço e Altruísmo;

Caridade e Amor;
Humildade e Reverencia; e
Fé e Responsabilidade.

Esse Código afirmava que o Granbery objetivava formar indivíduos bravos, porém pensantes e cujas ações fossem dominadas pelo pensamento o que denota uma associação entre fé e racionalidade muito característica. O modelo pedagógico granberyense baseado nesse documento tinha como finalidade estimular a vontade e a liberdade para pensar de forma independente e prática. Os indivíduos formados pelo Granbery, supostamente teriam o caráter forte de quem praticava os bons hábitos e um espírito igualmente forte para que pudessem ser úteis. Nesse sentido, todos “os conhecimentos úteis deveriam ser recebidos com alegria.”¹⁰

Ainda sobre os preceitos de um granberyense destacava-se a bondade, uma vez que estes devem proteger os mais fracos, isso incluía os animais que não podiam clamar por socorro por que são mudos e nem se defender. Deveria amar tudo que fosse bom, e deles eram cobrados consciência e responsabilidade.

Uma grande preocupação dos missionários metodistas no Brasil foi instruir os fiéis, para que eles pudessem ler a Bíblia. Em Juiz de Fora, para essa tarefa, foi criado, paralelo ao Colégio, um grupo para estudos bíblicos. Outra preocupação era a necessidade em criar os quadros de pastores para “arrebancar” mais fiéis. Nesse sentido, junto ao Granbery funcionava um seminário cujo regime era o de um internato.

No que diz respeito ao projeto universitário do Granbery, um aspecto fundamental da iniciativa dos missionários em Juiz de Fora, temos no ano de 1900 um acontecimento simbólico. Nessa data, a diretoria do Colégio promoveu uma cerimônia, por ocasião de uma grande reunião na cidade de autoridades da Igreja Metodista no Brasil com o objetivo de consagrar a “pedra angular” da futura *Universidade Metodista no Brasil*. O grande valor simbólico para os granberyenses da data e da cerimônia residiu no fato de lançar as bases da futura universidade no primeiro dia do século XX, supostamente o século da conquista do Brasil pelo metodismo.

¹⁰ “Código Moral Escolar” In.: *Estatuto D’O Granbery*: Estabelecimento de Ensino Brasileiro Americano, 40º Ano, Juiz de Fora, 1930.

O modelo granberyense era tributário de um tipo de americanismo. Sua inserção no contexto de formação da educação nacional organizada em campo próprio coincidiu com os anseios dos dirigentes republicanos liberais em promover a modernização segundo um modelo considerado ideal. O americanismo, representado no modelo granberyense, encontrou os meios para se desenvolver adaptando-se ao contexto no qual se inseriu.

Com base nessas considerações, visamos contribuir com o debate historiográfico sobre as questões que envolvem os projetos políticos e os seus referenciais culturais ligados ao universo educacional de Juiz de Fora, sobretudo no que tange ao ensino superior e o modelo universitário na medida em que encontramos respostas para as seguintes questões:

- Como os missionários envolvidos na fundação do Colégio Americano Granbery ligavam-se a uma cultura política liberal ancorada em uma imagem promissora de futuro, progresso e modernidade considerada própria da experiência social norte-americana frente à implementação do projeto de universidade metodista?
- Como a elite política local os recebeu considerando o prestígio que o modelo de progresso norte-americano havia ganhado nas últimas décadas nos centros urbanos do país?
- Quais elementos aproximavam os liberais brasileiros dos projetos metodistas para Juiz de Fora?
- Como o grupo católico local, que, até então exercia amplamente o controle das questões ligadas à religião e à educação baseando-se em suas premissas políticas tradicionais, reagiu à introdução de novos elementos políticos culturais a partir da instalação da igreja e da instrução metodista?

As questões apresentadas acima nos remetem a outras: como se constituiu o projeto político-pedagógico para a universidade metodista granberyense e com quais elementos esse projeto participa dos debates sobre a educação de nível superior brasileira? Como se originou o modelo granberyense tendo em vista os confrontos e

hibridações iniciados a partir do encontro entre as tradições trazidas pelos missionários norte-americanos e a encontrada no espaço social juiz-forano? Por fim, quais são as implicações do projeto no universo educacional e político em que ele se inseriu?

Tendo em vista a análise das características do projeto pedagógico granberyense em suas primeiras fases de um longo processo de construção podemos concluir, no momento, que a implantação desse colégio é parte de um processo mais amplo de aprofundamento dos fundamentos religiosos e ideológicos que sustentaram os empreendimentos missionários norte-americanos naquele período. De forma semelhante, a implantação do Granbery nos permite pensar a relação entre esses empreendimentos missionários e uma forma de compreender a nação e a identidade norte-americana, ou seja, uma forma específica de americanismo. Forma essa que, no período em questão, buscava sua hegemonia nos Estados Unidos e no mundo.

Bibliografia:

AZEVEDO, Cecília. “A Santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA”. *Tempo* (Rio de Janeiro), vol 6, nº 11 (julho de 2001), p. 111-129.

_____. “Pelo Avesso: crítica social e pensamento político-filosófico no alvorecer do “século americano”: William James e o pragmatismo”. *Diálogos*, DHI/UEN, v. 7. p. 25-36, 2003.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A Ilustração Brasileira e a Idéia de Universidade*. São Paulo: Convívio/EDUSP, 1986.

BENDER, Thomas. “Nova York em Teoria”. In.: BERLOWITZ, Leslei, DONOGHUE, Denis & MENAND, Louis. *A América em Teoria*. Trad.: Márcio Cavalcanti de Brito Gomes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

BURNS, Edward McNall. *The American Idea of Mission: concepts of national purpose and destiny*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1957.

CARVALHO, Maria Lígia Rosa. “Fazendo América”: *A missão metodista no Rio de Janeiro e a construção de um projeto para a nação 1895-1910*. Niterói: UFF, 2000, dissertação de mestrado.

CORDEIRO, Ana Lúcia Meyer, *A Missão Metodista em Juiz de Fora: Relações com o Catolicismo entre 1884 e 1900*. Juiz de Fora: UFJF, 2003, dissertação de mestrado.

HANSEN, Johathan. “True Americanism: Progressive Era intellectuals and the proplem of liberal nationalism.” In.: KAZIN, Michael & McCARTIN, Joseph. *Americanism: new perspectives of an ideal*. Chapel Hill: The Universit of North Carolina Press, 2006.

MARSDEN, George M. *Religion and American Culture*. Cidade: Harcourt Brace College Publisher, 1990.

MESQUIDA, Perri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1994.

NOVAES NETTO, Arsênio Firmino de. *As Crises de um Ideal: os primórdios do Instituto Granbery 1889-1922*. Piracicaba (SP): Editora Unimep, 1997.

WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. São Paulo Perspec. [online]. Apr./June 2000, vol.14, no.2 [cited 04 July 2006], p.37-43. Available from World Wide Web: ISSN 0102-8839.